

CEDI - P. I. B.
DATA 31/12/86
CO 12003

Queridos amigos e companheiros de caminhada :

Um ano e alguns meses de idas e vindas para Almofoala e arredores - um desejo grande de conseguir a confiança desse Povo - que, apesar de parecer campones, pescador - se reconhece, profundamente, como INDIO, TREMEMBÉ.

Já poderia contar muitas coisas da vida entre eles, deles. Prefiro, porém, transcrever palavras e conversas que escutei, que anotei, que guardei na cabeça e no coração. Por favor, escutem. Acreditem. Confieem. Apoiem conosco esse desejo tão grande de serem reconhecidos publicamente como TREMEMBÉ ! É um sonho grande e bonito... e justo!

Estão espalhados em 20 lugares ou aldeias - e ao todo são 483 famílias, 2643 pessoas. Só naquela área de Almofoala e arredores ! Um pequenino povo, bem diferente na sua cultura, na sua história, na força da sua memória. Anciosos por solidariedade, apesar de tudo que enfrentaram e ainda enfrentam.

O movimento indígena no Ceará, iniciado com a luta dos Índios TAPEBA, vai conseguindo uma simpatia grande. Mas ainda é pouco, frágil e infelizmente pouco conhecido, acreditado. Índio no Ceará ? Não é fácil acreditar... Não são índio puro... é o que dizem, perguntam. Precisamos de ajuda, apoio, nos juntarmos numa luta só !

É nesse intenção que partilhamos essas informações e a vida, também. A VIDA e a MORTE. E a ESPERANÇA grande que é a presença dessa semente que apesar de todos os planos dos homens poderosos, ainda RESISTE, EXISTE.

Temos informações de outros pequenos grupos de famílias - indígenas, espalhados pelo nosso Ceará. O resgate dessa história, dessas vidas - não será uma exigência da nossa fé, do nosso compromisso ? O caminho vai-se clareando, mesmo com grandes e pequenas dificuldades. Queremos contar com a confiança, o apoio de vocês todos.

Em Itapipoca contamos com a amizade e confiança de D. Benedito e uma simpatia grande de muitos, das comunidades. Louvado Seja !

Vai junto com esta alguns depoimentos das minhas notas.

Maria Aquellia

Vicente Viana, Cacique, uns 50 anos, casado, pai de 7 filhos. Pescador. Mora num pequeno lugar, chamado Barro Vermelho -

"As terras dos Tremembé era muito mais. Ia até a Ibiapaba. Os portugueses tomaram, dominaram os índios. Depois a terra foi dada aos Índios pela Rainha. A terra tem 2 léguas de frente e 1 de fundo. Tem umas pedras grandes que são os marco da terra. Tem lugar que já tiraram as pedras. Eles tem dançado o torém quando vem gente de fora ou vão a outro lugar. Quando passam muito tempo sem dançar chamo os outro prá não se esquecerem. Comprei essa terra onde moro. Tem outras casas no mesmo alinhamento. Ig dos são descendente. Já encontrei uma vez um Tapeba em Fortaleza. Não conheço outros índios. A gente não sabe nada da vida deles. A gente se sente sozinho. O Prof. Luiz ficou muito amigo. Ficou muito tempo com nós. Todos gostavam dele. Conseguiu ajuda para consertar a igrejinha".

João Reinaldo, 85 anos, viúvo, pescador, mora no Barro Vermelho, na casa da filha: "Os índio velho não tinha ambição de nada. Cada um tinha seu cercadinho. Tirava coco pro necessário. Hoje não tem mais onde senta uma casa. A dança deles era o torém. Uma noite de festa. Sem briga. Era no tempo doscaju. O terreiro era nas Quinta Doce. Tinha a finada Cato, o Nazário, a Chiquinha. Cantavam a primeira rodada. Depois iam conversar, beber o mocororó. Depois era outra rodada. Na derradeira rodada do Torém é o Cuiabá. Pegava uma cuiá grande com duas, três cabeça de mocororó e com uma cuiá pequena, distribuía."

Pedro Celeste, 83 anos, cego, faleceu alguns meses depois dessa conversa:

70 velho Manoel Mamede foi o primeiro que deixou construir casa de taipa com berta de telha em Almofala. Os caboco da Passagem Casa não deixavam. Mas o Mamede deixou e ainda ameaçou quem quisesse vir derrubar. Ninguém apareceu. Depois disso foi-se enchendo de casa..."

Maria José dos Santos, conhecida por ZEZA. O marido é que é Tremembá. Ela é do Mundau. Grande animadora da comunidade.

"que chegou lá sem nada, era servente, agora está rico. Foi ele que tirou o Santo Cruzeiro da frente da Igreja. No tempo dos bolsões, derrubou, quebrou tudo e deixou lá. Os restos do Cruzeiro estava na porta da Igreja. Os repórteres vieram pra inauguração de igreja, tirou o retrato do santos, dele... Agora botaram no cemiterio. Mas o lugar dele não é lá. Os primeiros coqueiro da praia foram comprado por Vicente Alves. Comprou uns coqueiro no pé do CASCUDDO. Acabou cercou até a beira da praia e a lagoa do Chico Milo, onde as mulher tomava banho, lavava roupa... O Panã tá todo no aberto. O velho..... comprou e não tem quem bote uma casa lá... O Manoel Cândido fez uma casa e teve que vender. Ninguém vende terra. A terra é dos Indio, da nação. Os politico do Acarau não queriam que fosse criado o município de Itarema..." "A Tapera era dos indio. Foi tomada pela firma. Os padre, os bispo, o doutor Pinheiro enfrentaram. As celebração são bonita. Vai muita gente. Na quarta-feira vai ter celebração na casa do Zé Raimundo. É aniversário da morte de um filho desprezado. Ele bebeu. Uns moço passaram graxa nas parte dele e ele morreu todo inchado."

Marsignília tem 85 anos. Filha do Capitão José de Barro. Teve 3 maridos e nunca se casou. Já dançei o torém na Itapipoca, Acarau e Fortaleza. Quando era menina tinha tudo com fartura: criação, carne era barato, era vintem tostão, cruzado. Vestia a famia toda com 5 mil reis. A Teresa comprava 3 quilo de farinha era 6 tostões, 1 quilo de toucinho era 1 cruzado. Trabalhava na roça, pescava. Já grande ia pro mangue, pegava carangueijo, buzo... Quando tinha fome ia ali, trazia uma mão cheia de buzo, fazia o almoço..."

Teresa, filha da Marsignília: "Aqui é da aldeia dos indio. Hoje tem pobre que não tem um chão pra mora. Ainda alcançou sendo dos indio. Um vem daqui lá e toma... Outro vem, se apossa. Não se come mais carne. Aqui só tem gente pra fazê o mal e roubá e gente pra levantá falso testemunho... Sobre a Igreja da Santa - ela não aprendeu a lê. A igreja só é desse jeito porque nesse lugar não tem home. A santa vinha pra cá no andô (de Itarema). Tinha festa do primeiro até o dia da festa. Depois que o finado morreu não teve mais. A santa vinha era num jeep de noite, sem luz, ninguém nem sabia que ~~era~~ a santa tinha chegado..."

Falando sobre a comunidade da Varjota, ela disse: "Quem é da comunidade da Igreja não pode está no torém"

Eduardo e Mãe Joana - Panã - ela tem mais de 70 anos.

"os joven não estão dentro do torém, não se interessam. Não querem dançar. Como vai ser? Muitos não querem ser indio. A terra é dos home... se teimá o vai preso, o apanha, até num querê mais... Um foi fazê a casa junto da igreja, foi botado pra corre. A terra é deles. Será que a santa é deles? Meus avô num me ensinaro mehtura. Eles me ensinaro. Eles hoje diz que não tem indio mais. Tem indio que não quer ser" "A Maria Chicó dizia: não venda a terra. A terra não é de venda, era pros fio, os neto trabalhá"

Geralda Benvinda - dançadeira do torém, Barro Vermelho

"Comprou um pedaço de terra com uns coqueiro. Têve que vendê. Gente querem do tomá. Agora comprei aqui. Cerquei. O home do outro lado diz que é dele. Ele cercou a lagoa onde ela e outras mulher lavava a roupa, tiravam água, tomava banho." "Os santos que tinha na Igreja: São Miguel, São Benedito, São Vicente, N.S. da Conceição e São José, São Francisco e Santo Antonio. A santa não é mais a que está aqui. Não se sabe onde está. Tinha cordão de ouro. Brincos de ouro. Todan noite ia com as mulher tira a areia de cima da igreja, até meia noite. Quando terminou, cobriram de palha. Figaro fazendo nove na toda noite. Falaram com o padre e fizeram 3 anos de novena. Meu avô dizia

que quando fizeram aquela padroeira, a rua era iluminada. Tinha a mata fechada braba. Eles entravam na mata, traziam feixe de lenha pra iluminar a rua, cheia de fogueira. Eles viviam na aldeia dos índio. Uma vez eles acharam a santa a santinha de barro, bem pequena. Fizeram uma casinha de palha e foram adorá. Aí a princesa soube e veio lá. Levou a santinha e mandou outra. "Meu avô dizia - Nós não vamos alcançar mais nada bom, mas vocês vão vê."

SERAFINA, filha do Capitão João de Barros, último Chefe dos Índios. Tem 82 anos, mora em Almofala.

"Antes morava no Lamarão. Inventaram uma história com o pai dela, que ele namorava com a filha do Chico de Sousa. Foi até Itarema responder na Polícia. Teve que sair de sua terra. Ele tinha um pedaço que ficou no meio das que tinha vendido. Teve que sair também. Isso faz 4 anos atrás. Recebeu 135 mil cruzeiro de gratificação pela terra. As firma do coco da Sudene entraram lá. Tinha onça nas mata. Até poucos anos atrás tinha veados. Se sustentavam de caça os antigo. Os índio velho se juntavam pra trabalhar, pra chegar da dos caju. Um dia pra um, um dia pra outro. As cunhã se juntavam pra apANHÁ algodão, pra fiá. Fiavam uma rede numa noite. Cada noite faziam uma parte. Quando tavam buchuda pedia ajuda as outra. Preparavam panela de mucunzá a noite toda. Faziam candieiro de barro, os pratinho. As Aninga foi vendida por uma calça de homem. Era terra de muita fartura. Dava cana, batata, melão, melancia, dava tudo. Um pedacinho de terra era uma fartura. Antes era os pobre que vendia a lavra aos rico. Hoje é os rico que vende aos pobre." "Agora arrendam terra no Campestre - no mesmo terreno deles".

Vicente Viana, Cacique, Barro Vermelho

"A dança do torém é a garantia da descendência. Como pode garantir a terra? Não tem documento. A dança é um documento. Quem sabe p torém é nois. Foi com nois que ficou provado, gravado, escrito o livro. Eles não estão cantando ele todo. Tem que começar do começo até o fim. Não pode saltar. Aprendeu com a Venância. Foi tomando experiencia. Assistia sem ter encarregamento de nada. Quando a Dona Ironi veio, foram pra praia. Cantaram de um jeito. No outro dia foi de outro jeito. Aí ela perguntou quem sabia mais. Eu me apresentei. Ensaaiaram durante 15 dias. Aí veio a máquina pra gravar. Aí ela disse: só quem pode ficar de chefe é o seu Vicente. Os outros são mais velhos mas não sabem explicar. Você, de hoje em diante é que pode ficar de chefe "desse povo". Ele falou na pergunta que Dom Aloísio, lá no Acarau, fez a ele, quando foram chamados para dançar o torém para 70 padres e bispos reunidos. Ele perguntou o que eu queria - se queria uma casa boa, colégio para o Fábio... Vicente respondeu que queria o que os antigos diziam que era deles, a terra. E aí Dom Aloísio disse: "Você é índio mesmo!"

Quando foi falar com o Pe Aristides sobre o seu sonho de construir um salão para a dança do torém: "quando fui falar com o Pe. Aristides para sentar o salão da dança perto da Igreja - ele não concordou. "Isso aí, se desse certo, depois, era uma avenida". E o Vicente disse: "é verdade, nos outros lugares a avenida é na frente da Igreja... O seu, como tem radiola, pode sentar uma casa..."

ROSA COSME, 84 anos, Almofala

Perna desmentida, reumatismo, veia quebrada... Corta folha de coqueiro, cobre a casa todo ano. Faz cerca, tira madeira no mato, carrega na cabeça, anda no Canindé todo ano. "Aqui é lugar sadio mode a maresia".

Maria Pedro e Tarcísio - neto da velha Chica da Lagoa Seca

"O mesmo caso que resultou aqui. Fui criado na Lagoa Seca. Tudo foi tomado. Por pouco mais um nada. Ninguém tinha ambição de nada. Pessoal antigo não tinha força. Vai-se acabar tudo, vai morar nos areis." "A mulher é de dentro do aldeamento. O pai é Bastião. Teve na mesma questão da Passagem Rasa. Ia entrar na mesma crise."

Maria Pedro - filha da velha Chica da Lagoa Seca. Foi a última a sair da terra. Tinha 4 filhos. Saiu porque os dois filhos maiores acertaram a troca do terreno com o Adonias e ela teve que sair. Não pode se esquecer. A terra dava tudo: milho, feijão, melancia. Dava gosto. O que se come hoje é igual

mas a terra não é a mesma. Lá vivia com a mãe, os avós."

Quando o Marco Antonio (sociólogo da Funai de Brasília) falou que é da Funai e que ela ajuda os índios - ela disse: "essa história eu escuto desde a Lagoa Seca, quando minha mãe era viva e recebia as visitas. A história era a mesma e nunca chegou nada, nem solução. É por isso que não acredito mais".

Zé Raimundo, 40 e poucos anos. Animador da comunidade, da celebração da Palavra de Deus, Presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Itarema - na reunião realizada na casa do Vicente Viana, com a presença da Comissão da Funai de Brasília: "Estou ouvindo a palavra de vocês - e quero dar minha palavra. A opressão que ataca a vocês é a mesma de nós. O que nos tem socorrido é a nossa organização. Nós não tinha vez, nem voz. A gente começou a se organizar, em reunião, pelejando como agir. Estou enxergando. Enquanto você não tinha alcance para resolver os problemas. O homem está ao lado do índio. Este é o tempo de ter vez e voz. Nós só consegue com a nossa organização. Pra conseguir nossa libertação o que precisa? Qual a nossa carência? A terra. A terra é nossa mãe. Sem se organizar, sem encontrar força no nosso meio. Trabalhar junto para criar força. Eu também moro na terra do aldeamento. Foi atacado do outro lado do rio, uma firma muito forte. Expulsaram todos. O pessoal da Tapera nasceu e se criou lá. Eles expulsaram eles de lá. Tinha uma fazenda São Miguel. Limite da terra da Varjota e Tapera. Essa firma comprou essa fazenda. Quando eles vieram o dono mostrou foi a Tapera. Como os Patos é dos ricos, ele não mostrou. Foi na Tapera, expulsou os índio - caju eiro, cana, coqueiro, pau de roça - e dizia: "eu comprei, aqui é meu, você tem que procurar seu rumo". Foram se queixar ao padre. Ele ajudou a expulsar eles. O pessoal disse: "indenize minha posse". Teve alguns que ele deu 4 cruzeiros por 40, 50 pés de coqueiro."

"Esse povo veio saber da nossa vivência. Os índio estão perdendo suas casinha, sua plantas. Essa visita vem nos trazer um socorro, uma ajuda de apoio no nosso lugar para a gente viver como antes, sem ser oprimido p/ninguém. Nossos pais nunca sofreram essa opressão - polícia nos perseguindo. Deus fez a terra pra o homem viver, tirar o suficiente com o suor do rosto, A opressão, a ambição cresceram."

Vicente Viana, na reunião com a 2a. Comissão da Funai:

"Como colocar um Posto de Saúde, um Grupo aqui? Não preciso de Grupo, Posto de Saúde. A terra é dele. Nós não pode conseguir botar qualquer coisa na terra dos outros."

Luís Caboco, 37 anos - Tapera.

"Nós sem a terra não pode conseguir outra coisa. Sem a terra não somos ninguém. Com a terra temos um fôlego. Meu plano, como índio, índio novo, meu pai, índio velho - venha acompanhando o negócio dos índio, não conheço os marco da terra. Índio não precisa de médico. Índio não precisa disso. Vivemos de luta com a firma. Não tem apoio de terra. Primeiro precisa ter o apoio da terra."

Maria Lídia - 45 anos - casada, com 3 filhos.

"Só conheci mãe - mãe solteira. Acho que sou filha de homem casado. Com 18 anos foi perguntar, quase apanhar. A avó foi pegada a dente de chachorro, da família dos Caboré. Foi criada pelo Francisco Rodrigues de Barros, capitão dos Índios. Ele contava que ela tinha umas tia - as roupa delas era de 5 metro de pano e não era todo homem que acompanhava elas na enxada e no cacete. O sangue descia. Ainda conheci tia Maria Angelca e a saia era aquele balão. Era uma parte de caboco abestaiado, achava tudo difícil. O seu signo é Leão, pessoal espirituoso. Quando entra na batalha quer vencer a batalha. Em 1957/58 quando o Dr. Perilo era prefeito, foram dançar o torém lá: a finada Tia Chica, a finada Nenen, filha da Tia Chica, o finado João Pereira, marido da finada Nenen, a mãe Raimunda (mãe adotiva), o pai Capitão Chico de Barro, a Leonor, a tia Venancia. Era muita gente. Era uma rodada boa de uns 10 a mais. Brincavam de capacete com as penas para cima. As roupa era meia curta. Ou era roupa comprida. Botavam os capacete. Chamavam de capacete de pena. Viu agora no Juazeiro os índios - as roupas - os vestuários era de agave. Ela lava roupa para várias famílias, faz bolo para vender. O pai era contra que o Pai Basílio trocava não sei quantas légua de terra por uma garrafa de cachaça - um exemplo é a terra da finada Nuca. Ele mandava desde as Aningas até o Bamarão. É.

agora, para se apossar do quintal que é meu, o Zé Pedroca que é junto da Geralda Benvinda queria que o meu marido plantasse coco de meia com ele. Eu não concordei e ele ameaçou de jogar água quente nos olhos do coqueiro novo. O meu rádio é a minha companhia. A filha, recém-casada não ajuda. Às vezes ela tem que limpar até a casa. O quintal dos meus pais era pequeno, não dava nem para fazer a obrigação... A mãe tinha 3 vanteiro de verdura e remédio. E tinha os pés de goiaba, de graviola. Naquele tempo os homens de fora com os outros grande, tomavam tudo. Era assim: debaixo - o Agripino atrás de comprar; de cima - era o finado Chico Souza. Depois veio o Adonias, ficou com a terra das Pedro, na Lagoa Seca. Na morada onde hoje é da mulher do Tarcísio - o Agripino queria trocar pelo terreno lá de casa. O filho tudo que compra vende. Tinha um terreno perto da igreja, ela pediu pra ele não vender a outra pessoa. Quando ele quis vender, ela foi atrás e conseguiu os 200 cruzeiros. Ele recebeu o meu dinheiro e vendeu o terreno ao Tarcísio por 600. Os filhos de hoje são assim. Não é mais tempo de se criar família. O tempo já passou. Se mandava e se obedecia. E era tempo de fartura. Hoje é uma época perigosa. Tem dinheiro mas não dá pra nada. Tem as novela. Se casa e se deixa como nas novela. Os caminho de hoje para o Lamarão não é mais os daquele tempo, Cheio de casa boa. Os antigo não tem direito ao que era nosso. Moro aqui nesse terreno desde 64. A filha que morreu nasceu aqui. Hoje foi no patrão - o Coró - arranjar mantimentos para o meu trabalho. Comprei milho e goma. Ai vou me aperriar para conseguir pagar. Depois é que vou apurar pra comprar o gás, o açúcar, as ddes pesas de casa. Não tem tempo bom pra lavar roupa. É como a minha mãe - quando era nos tempos, o sangue descia de perna abaixo. Eu fui feita por um homem corajoso, trabalhador. O genro não trabalha em nada. Até cigarro compro pra ele. Tem gente que não tem o juízo na cabeça mas nos pés. No começo fazia café e deixava até de 50 cruzeiros na mesa. A pescaria (mergulho) agora enfraqueceu. Besca de compressor, pesca perigosa. Se for pegado, vai até preso. É como um roubo. Quando ganhava bebia tudo de cachaça. Antes de namorar com a filha. Vamos ver se quando voltar a trabalhar, se vai beber. Meu filho, a gente se aguenta nos pincel..." é o dizer dos mais velho. "Eu ainda não me curquei" (se alembrou) mas eu vou ter uma qualquer advertência que eu vou me encurcar..." o pessoal do outro tempo tem uma linguagem muito estrambólica que nem no dicionário tem explicação! Nos tempos do pai - quando pegava os peixe grande, camurupim - os comboeiro levava as carnes pra vender na serra. Ficava as ossada que se juntava e tocava fogo. Chamava-se Xambiritó do camurupim. Antigamente. Hoje chama-se ossada."

Zeza - Lá no Olho D'água tem indio velho. O Cabo Chico e o velho Paulino. Eles são filho da Passagem Rasa. Tomaram as terra, eles se tocaram no mundo. No Acaraú encontrei a Tia do Geraldo Cosme, irmã do Chico Cosme. Mora no Porto do Barco. Foi nos tempo das tomada das terra - ficou até (atoa, sem ter onde morar). Tinha muitas oração. Emprestou e não recebeu de volta. Oração de São João que combate touro bravo. Tinha a oração da Pedra Cristalina. Era um album. Tinha 50 orações. O velho Sororô, mora na Varjota. está morrendo, sabe todas essas orações (caboco Sororô). Hoje não tem quem saiba de nada. Essa Maria Lídia é coberta de oração."

Maria Lídia "A pessoa que tem a Maria Valei-nos como oração está coberta de Deus. A oração das "13 dita palavra e retornada" - se errar, tem que voltar. É indo e voltando. Tinha o sonho de Santa Helena, de 2 jeito. Oração de Sta. Catarina pra acabar com briga. A oração mais forte é o Pai Nosso. É porque a gente não sabe."

Conversa do Nemésio, Delegado Sindical no Acaraú: "Ai de quem vender uma nega de terra do aldeamento" "Comunidade, Reforma Agrária e Sindicato, é tudo coligado"

Disse a Maria Lídia: "Quando a perguntarem a nois o que esse pessoal de fora diz é pra dizer - eu não entendo nada de nada, os sabido se entende com sabido. Nois não entende de nada."

Rado. Viana - 45 anos, casado, com 7 filhos, mora no Panã de baixo.

"O Guajara é do mangue. Chamam de Iangá. E o Curupira é do mato, que é o Cai-pora. Um domina o mato, as serra, o outro domina os mangue, a praia. Eles fazem aquela ~~xxxxxxx~~ parença que a pessoa tem medo. O Iangá bodeja como bode, como animal, como jumento, trabalha no mangue como sendo um homem cortando ma-

deira. Ele fica fazendo toda aquela pareença para dá aquele gesto nos cristão. Ele tem a estatura de uma pessoa, um nequinho. Mas ele faz coisas que a gente não vê mas dá um jeito de um encanto na gente. Nunca aconteceu comigo mas já aconteceu com diversas pessoa. A pessoa entra numa varedo do mangue mas quando quer sair prá fora não pode sair. Aí anda, quando volta no mesmo lugar que saiu, aí a pessoa admira aquilo, acha que está atraído pelo Iangá. Aí a pessoa tira uma pelha de fumo e bota no toco de pau: "está aí rapaz, prá tu usar, e deixa eu ir embora". A gente fala assim sem ver nada. Aí abre-se todos os caminhos do mangue e aí a pessoa sai prá andar por onde veio. As presepada que ele faz - o dono do mangue"

Manoel Serafim - 80 anos, Almofala

"O pai morava no Riacho e trabalhava nos morro. Casas de palha, parede tapada de barro. Ainda alcançaram as cabana - redonda, de palha, bem baixinha. Hoje estão começando a fazer de novo, os branco. Os Tavares ainda moravam em cabana, nos Olhos D'água, fora da rua. Índios velhos A Maria Lídia, irmã de criação da Maria Serafina - aquilo é uma cigarra. O pessoal paga a passagem dela prá ela ir cantando pro Canindé. Criada com os Barro. Os Barros tudo tem arte."

"Nos dia de Natal, Ano Bom, de Reis - pisavam milho prá fazer mucunzá - preparavam aquelas panelas - esperavam o galo cantar, Jesus nasceu aí se juntavam e iam comer. No ano novo, fazia as panelada de porco, galinha, peixe assado - comiam, quando o galo cantava e iam tomar banho no mar e esperar o dia nascer, iam encontrar no sol, iam encontrar nos morros, no mar."

Isaura, 82 anos, cega, mora na Vila da Tapera (terra tomada pela firma) Canta torém, Aranha, Côco, Reisado. Num instante distrintha o torém.

"Nossos avós era uns índio velho. Meu avô era diferente. Era carrancudo. Quase não se entendia o que ele dizia."

Jaburu - forno velho dos índios.

Cacimbão feito pelos índios - se tornou uma lagoa (os mais velhos que contavam), acima da extrema da terra dos Patos e Tapera. Lagoa que não tem fim.

Relavam mandioca no ralo, faziam tapioca e assavam no formo (Jaburu). Tem muito tijolo lá. Nos morro ~~cada~~ e ~~spai~~ morava tinha muito corisco preto, pedaço de prato, tijolo, ~~de~~ tronco de coqueiro, buzo, casca de buzo. Amansavam os índios - eles corriam prá dentro dos mato (os avô que contavam)."

Velho João Gonçal - 80 anos - morador na Varjota

"Antigamente os índio acordavam a meia noite para ir buscar o sol, dentro de uma cumbuca. Paravam, comiam, dançavam, batiam as cumbucas - com a ategria da chegada do sol, inventavam a festa."

"Na Batedeira, eles wavam um cacimbão - e virou uma lagoa que não tem fim. Aí tem encanto, chama a Mãe d'água - ela aparece com os cabelão batendo nos pés - cabelo de outo, cachimbo na boca, soltando fumaça. Ela tem acompanhado até uma certa altura, agarrada no rabo dos animais. Outros dizem que já viram ela a cavalo. O pessoal tem medo de tomar banho sozinho e ficar também encantado. O pescador não pega peixe, tem peixe mas não pesaa. Duve bateria de prato, de terem da casa. Os mais velhos contavam. Ainda hoje tem medo. Só pesca quando a Mãe d'água quer dar."

Agostinho - 46 anos, Varjota

"Antigamente era muito animado. Quando estrava janeiro começava - sábado e domingo - os Papangu. Os homens se arrumavam no mato com as roupa mais velha e suja, tudo mascarado, entram sem ninguém conhecer, vão cantar, sapatear."

Querida, como está você?

minha mãe está muito doente desde 9/02 - e até agora, dia e noite, chorando... Não pude mais ir na área. Falei bem!

Não se esqueça da xerox ou similar dos cadernos jurídicos da CPI daí. Mandou o diuheni logo fue receber.

Valeu muito a quella presença Felipe fue fixou o você. Até, Maria